

Homenagem

Jose Aldemir o urbano e a vida urbana na encruzilhada entre a necessidade e o desejo

Ana Fani Alessandri Carlos

¹ Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo, Brasil. E-mail: anafanic@usp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-6312-9456>

Recebido em 31/07/2025 e aceito em 01/08/2025.

Meu encontro com José Aldemir aconteceu durante seu programa de pós-graduação no Departamento de Geografia da USP. Entendo a relação orientador-orientando como um momento de aprendizado dos dois lados, e, nesse sentido aprendi muito sobre Manaus e a Amazônia com Aldemir. Todavia essa relação acaba, na maioria das vezes, se transformando em amizade e carinho mútuo. O que aconteceu conosco, um carinho que abraçou também sua família. Ela fazia parte das nossas conversas, depois de nossos debates sobre os caminhos da tese.

Gostaria de tecer algumas reflexões sobre a trajetória desse geógrafo-poeta, sem banalizar seu trabalho e importância que galgou na Geografia e na formação de geógrafos, como momento de restituição da potência da Geografia em compreender o mundo moderno.

Sem ignorar o fato de que seu pensamento e ação como geógrafo é marcado pelo lugar de seu nascimento, nas barrancas do rio Solimões, porque o lugar de onde somos, vivemos e construímos nossa existência, Aldemir mobiliza para além de um olhar singular sobre o lugar da pesquisa, sua relação e sentido com a totalidade social o que dá o sentido de universalidade ao seu trabalho.

Com isso quero dizer que, se o ponto de partida é um fragmento, um lugar e um tempo, o conhecimento real e profundo da realidade só acontece na dialética entre esse fragmento – o lugar de onde viemos- e a totalidade social que se impõe. Nesse sentido cada fragmento revela e se abre para pensar o mundo e nossa condição no mundo. Esse movimento espaço-temporal guarda a possibilidade de localizar o sujeito na sociedade de classes.

Nesse processo, nos deparamos com as profundas desigualdades que marcam a vida revelada numa articulação de escalas que é determinante na compreensão da realidade, iluminando, de um lado o Brasil, país da periferia do capitalismo e a Amazônia como fronteira do desenvolvimento capitalista brasileiro – marcado pela ditadura militar e os grandes projetos para a Amazônia. O projeto desenvolvimentista que se realiza arrasando a natureza, história e os grupos humanos que aí habitam e onde foram capazes de construir uma história singular. Seu trabalho ao mergulhar na justaposição dessas escalas, aponta a mediação do Estado e da política de Estado em sua ação estratégica e desigual no território nacional

Na perspectiva da Geografia, a pena de Aldemir, se move analisando a história da produção desigual do espaço num país da periferia do capitalismo, mas que ganha especificidade dentro deste país desigual construído e reconstruído no movimento da colonização, sem deixar de lado o modo como as desigualdades fundamentam a vida urbana na Amazônia marcando e metamorfoseando as relações ancestrais desse povo com a terra a floresta e as águas criando uma paisagem ímpar.

Pensado ainda hoje, sua tese de doutoramento traz contribuições (e alguns alertas) não só para pensar a Amazônia, mas a Geografia a partir do tema central focado na construção do urbano na Amazônia no movimento entre a produção da cidade e expansão do urbano.

Como ponto de partida a cidade (Presidente Figueiredo). Ela é o lugar do vivido. Para Aldemir, a cidade não se resume a paisagem aparente, ela se produz e reproduz a partir do cotidiano em movimento, o que faz dela, uma obra inacabada, que contém vida e fragmentos de vida, dimensão do uso do espaço e do tempo. Isto porque, para o Autor, a dimensão geográfica, não se atém à descrição, mas a produção do espaço para a vida onde se revela uma Geografia urbana, assentada na ideia do homem que se auto produz na criação da vida e do espaço. O conceito de produção do espaço ganha, portanto, centralidade.

Por sua vez, a metamorfose do mundo, sob a lógica da acumulação, encontra na Amazônia, um vivido despedaçado porque produto da destruição da floresta e não de sua convivência com ela. Uma destruição que produz esquecimento no movimento de uma história desigual atravessada pela despossessão vivida como perda. Mas é aqui que, em sua reflexão, a perda se dialetiza ganhando grande potência transformadora através tripé criado na descrição das formas existentes, da criação de resistências e da reconstrução de formas e conteúdos espaciais dotados de novos significados.

Assim constata a racionalidade que se impõe à sociedade local pela lógica capitalista que se impõe sobre os valores que fundam a vida destruindo aquilo que lhe é particular e que pode ser lida no plano subjetivo do tempo presente no cotidiano. Deste modo, o lugar, não tem existência, nem explicação em si. Nessa orientação, a compreensão transcende o lugar em si, relativizando a importância da grande escala, bem como do tamanho da cidade como fator explicativo do urbano. Assim, também relativiza o nível do subjetivo separado dos outros níveis da realidade. Trata-se de uma Geografia que se desenvolve superando sistematizações e superficialidades na medida que vai da paisagem à produção do espaço em suas múltiplas determinações. Transcende o “número” e o “corpo”, bem como o racional e o irracional vistos separadamente.

É assim que a investigação se debruça sobre o cotidiano em transformação num movimento entre o que aparece como o novo, e a permanência de outros tempos, pontuada pela resistência dos povos indígenas, e dos caboclos, por exemplo. No plano do lugar encontra pescadores, ribeirinhos, trabalhadores autônomos, sem-terra, com suas histórias construídas na relação com a exuberante floresta, e a beleza das águas que pontuam a grande região dando-lhe especificidade. O trabalho de investigação é atravessado por desencontros. Na exuberância da Amazonia floresta, rios, contam sua história calcada em hábitos, costumes e culturas, se confrontam com a força do capital que transforma esses espaços naquele da expansão da fronteira da acumulação numa lógica que se impõe sem remorso, mas não sem conflito.

Em sua dialética, o cotidiano revela pequenas formas de lutas em ações localizadas. O vivido se apreende e se explicita pelo concebido.

É essa compreensão da realidade que mobiliza o projeto de sua transformação. Esse é o desafio da Geografia. Nesse horizonte a obra de Aldemir é enfim um alerta à unidade do mundo despedaçado pela investigação que se prende aos níveis da realidade de modo superficial e sistemático. Por isso a Geografia esta inundada de propostas de criação de políticas públicas, preenchendo o lugar da utopia – ponto importante capaz de transformar a vida. Na contramão dessa tendência, muito em voga hoje, a compressão da realidade em movimento, para Aldemir, incorpora o sentimento poético que traduz, com maior agudeza, o sofrimento ao mesmo tempo em que externaliza o inconformismo na compreensão das mudanças ocorridas no espaço, objetivando o processo de acumulação e as estratégias políticas impostas pela utopia militar que impõe à sociedade sua lógica sobre os valores que fundam a vida destruindo aquilo que lhe é particular.

O trabalho de investigação estabelece o percurso de uma dialética que supere a relação positivo-negativo, relativizando a ideia da perda posto que a dor num compromisso de resgatar, na banalidade aparente, a história dos pobres e oprimidos contempla a força que o faz “encontrar a beleza que está no fundo da alma”, e que aparece como fator de mudança.

Seu desafio é compreender, na dialética entre o lugar e o nacional as determinações do global onde encontramos as condições de permanência renovada da desigualdade.

Dois livros escrito pelo geógrafo-poeta “Crônicas da minha cidade” e “Crônicas de Manaus”, mostram uma inversão do olhar, em relação ao “Cidades na Selva”. Aqui a tarefa de investigador se atenua frente àquela do poeta, sem todavia impedir que o poeta não possa – sem pressa- caminhar de braços dados com o geógrafo.

É assim que Manaus aparece na dialética entre a paisagem e o modo de percebe-la. O foco é ainda é no vivido e o plano do lugar. Esse nível, nos dá pistas sobre como as descobertas no campo da investigação do urbano se conectam com a sensibilidade do olhar, num movimento que une vivido-concebido dando prioridade ao primeiro sem ignorar o segundo. Afinal Aldemir é um só.

Sua importante contribuição é indicar que a poesia é um ato de resistência que atravessa a vida e o pensamento em sua transitoriedade onde Manaus vai se revelando como a cidade e o seu outro. Manaus pressentida, vivida parece-se com muitas outras, traz a universalidade do urbano, mas o grande rio, a topografia, o clima, a beleza do pôr do sol, o modo como a cultura atravessa o cotidiano a tornam única. E a tornam única ao poeta que dela se assenhora com seus passos de flâneur que se aproxima do habitante ao mesmo tempo em que se distancia em seus mistérios.

Enfim a pena de Aldemir traz a vida e a esperança nela contida quando investiga e quando faz poesia.

Ana Fani Alessandri Carlos, julho de 2025



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra
licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0

